

LABOR

Álvaro Fraga

Torta poesia,
essa com que teço o dia a dia,
juntando dores e inconsistências
na vã tarefa de remendar o amanhã.

Burlesco trabalho a que me entrego
medieval artesão de sonhos,
a coser com versos, linha tão frágil,
o cinzento manto da realidade.

E o mais difícil em tudo isso,
é tornar elegante a diária mortalha.
De tal modo faltam-me cores,
que é impossível deixar de ser gris.

O verde de teus olhos
perdi num desses costumeiros descuidos.
E o azul da liberdade há muito nos foi roubado
por El Rey tão poderoso.

De resto, sobram em demasia,
em tão antigo cesto de costura,
descoloridos mesos, dores, misérias,
com os quais se borda o cotidiano.



yon _____ 84